

# XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

## II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



### **O ócio, a embriaguez e a degenerescência moral: as práticas “mágico”-religiosas e a inutilização para o trabalho nas páginas do jornal católico *Cruzeiro***

Mirian Ribeiro Reis<sup>1</sup>

O presente trabalho, partiu de uma análise minuciosa de fragmentos do periódico *Cruzeiro*, importante veículo de informação para sociedade caxiense nas décadas de 30 até meados da década de 60 e local privilegiado onde a elite caxiense expunha suas ideias e visões de mundo. A análise aqui exposta foi no intuito de perceber quais os recursos discursivos utilizados pelos redatores do jornal *Cruzeiro*, representantes das elites locais, laçavam mão quando tratavam do tema da religiosidade popular de referencial africano.

O argumento que integra o projeto desqualificador dessa forma de religiosidade popular, empreendido pela Igreja Católica e as elites caxienses e sistematizados nos discursos do periódico *Cruzeiro*, foi a constante vinculação, dessas práticas a degradação moral da população local, mais especificamente das camadas populares. Em um artigo publicado no dia 28 de abril de 1937 um articulista do *Cruzeiro*, tece as seguintes considerações: “Como se vê, as “macumbas e catimbós” são costumes grosseiros e inconvenientes á formação moral do nosso povo, arrastando a toda sorte de fanatismo, incentivando-o em fim á prática do roubo e dos mais perversos crimes” (RAGO, 1985, p. 174).

Assim, nas concepções elitistas dos redatores do *Cruzeiro*, a condenação a essas práticas religiosas, excediam os limites da fé e apresentava-se como uma questão de ordem pública. De acordo com esta visão, era a própria formação moral do indivíduo que estava em jogo ao aderirem a esses ritos. Segundo Margareth Rago “Desde o final do século XIX a preocupação com este esquadrinhamento da

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista- Unesp. E-mail: mirian.reis@hotmail.com

população distingue ricos e pobres e focaliza neste a origem dos problemas físicos e morais". (RAGO, 1985, p. 174).

Para os setores conservadores da Igreja, bem como para elite local, a religiosidade popular principalmente aquelas que apresentam fortes traços africanos, representam uma fonte de degradação física e moral dos setores subalternos.

Desse modo, visando contribuir para a construção de um trabalhador laborioso, o discurso do jornal *Cruzeiro* condenava a prática desses ritos por considerar que: o grande consumo de álcool por parte dos praticantes dos ritos minaria as forças do trabalhador e este se tornaria ocioso, conseqüentemente a inutilização física e o desprezo pelo trabalho levariam a prática de roubos e os mais perversos crimes. Todos esses fatores facilitados por um conjunto genético considerado favorável .

Nos discursos proferidos através do periódico *Cruzeiro*, existe uma estreita ligação entre os caracteres físicos de certos indivíduos e sua predisposição para a degradação moral. De acordo com Lilian Moritz Schwarcz (1993) é a partir do século XIX que se acentua as teorias raciais segundo qual, a uma estreita ligação entre patrimônio genético, aptidões intelectuais e inclinações morais. No jornal *Cruzeiro* são comuns os discursos que colocam como exclusividade dos segmentos inferiorizados (negros, pobres e mestiços) essa predisposição biológica para o crime e ociosidade. Como percebe-se em um artigo de junho de 1947

A falta de punição rigorosa dos crimes para a correção dos costumes, a taxa de brutalidade que mina na índole fatalista de nossa gente pobre, sem instrução e educação moral vivendo na mais desenvolta promiscuidade, tem muito concorrido para que os mais horripilantes crimes se reproduzam a cada instante numa avalanche de corrupção na vida do nosso povo tanto na cidade como no campo (Jornal, *Cruzeiro*, 21 de junho de 1947, p. 1.)

De acordo com esta visão, a ineficiência da lei na correção dos costumes, a falta de uma educação moral que no contexto da época significava dizer, cristã e católica, e profissional - o disciplinamento para o trabalho, a produção dos *corpos dóceis*, utilizando uma terminologia foucaultiana, bem como a tendência ao fatalismo, características próprias da nossa *composição racial*, (descendentes de negros e índios) era o agente facilitador dessas práticas criminosas. De acordo com Bretas (BRETAS, 1991, p. 53)

A preocupação das elites com as patologias sociais desenvolvera nas sociedades modernas, características do cientificismo do século XIX, e dirigiu sua atenção para o comportamento dos pobres livres. Aqueles pobres eram considerados como indisciplinados, preguiçosos, imorais e tinham de ser transformados a fim de colocar a nação no caminho do progresso.

Contudo, se já havia na população mestiça e pobre uma predisposição genética para esses desvios sociais, para o clericalismo caxiense, bem como para as elites locais, a prática dos ritos de origem africana favorecia ainda mais a degenerescência física e moral desses indivíduos, por incitar à promiscuidade: a dança, as aglomerações, a possessão pelos *maus espíritos*, a inutilização física e a não valorização do trabalho, questão cara a época. É a partir dessa representação da religiosidade popular que o cronista argumenta “Alentado pelo descaso da polícia continua a explorar a ignorância do povo a mais grosseira feitiçaria, inutilizando os braços sertanejos, pelos vícios do álcool e da mais crassa superstição” (Jornal “Cruzeiro”, 10 de outubro de 1937, p.4).

De acordo com esta visão, é toda a sociedade caxiense que está a correr o risco de descer na *escala evolutiva*, rumo ao progresso e civilização bem como são os princípios morais e cristãos que se viam ameaçados por essas práticas perniciosas e ignorantes típicos de povos atrasados e não instruído. Ademais, como diz (RAGO, 1985, p.167)

Pensando como um organismo vivo o corpo social, segundo esta construção imaginária deveria ser protegido, cuidado, assepiado, através de inúmeros métodos e mesmo cirurgias que extirpassem suas partes doentias, seus cancros e tumores [...] A medicalização da sociedade implicaria a criação de condições ambientais que favorecessem a circulação de fluidos, a formação de personagens sadias e uma nação próspera e civilizada [...].

É nessa perspectiva patológica que os discursos dos representantes da Igreja e das elites caxienses classificam as práticas religiosas de herança africana em Caxias. Segundo um articulista:

A macumba a diamba e a tiquira são para a vida amargurada dos desamparados cablôcos de nossos sertões, verdadeiros narcóticos que lhe alimentam a fantasia, com promessas de futuras esperanças, com sonhos de melhores dias para suas desditas. E muitas vês, para desafogo de suas máguas, procuram nas alegrias festivas das noites enluaradas, entorpecer no íntimo, os sofrimentos e desilusões que lhes pesam sobre a carcaça de *bode espiatório* de crimes da nação, sendo eles os menos culpados, pois,

como trabalhadores rurais, não têm direito de cidadão brasileiros e são vítimas das maiores injustiças (Jornal *Cruzeiro*, 21 de junho de 1947, p.1).

De acordo com o articulista, a macumba, o termo pejorativo comumente utilizado na designação desses ritos, a droga e o álcool são os elementos que compõem o cotidiano da população pobre e camponesa causando um grande mal a sua saúde e a ordem moral. Sendo necessária uma campanha contra a “feitiçaria”, como já havia encabeçada pelas elites, uma campanha antiálcool de combate a sífilis e antidrogas<sup>2</sup>.

Todavia, se é considerando como uma patologia social que os discursos dos articulistas do periódico *Cruzeiro* abordam a questão das práticas mágico-religiosas de referencial africano, são as causas socioeconômicas, os fatores comumente elencados na explicação elaborada pelas elites caxienses para a persistência do problema. É nesse sentido, que um articulista se exprime:

“A macumba como arte diabólica de feitiçaria e um grosseiro fetichismo originário da África que de longa data, vem atuando na índole supersticiosa do nosso povo sertanejo dominado pelo desânimo do seu triste estado de analfabetismo e desamparo da assistência dos poderes públicos (Jornal “*Cruzeiro*”, 21 de junho de 1947, p.1).

Na visão do cronista, é o estado de analfabetismo e desamparo dos poderes públicos, que concorre para que as camadas populares recorram a essas práticas aqui vista como diabólicas e primitivas. Nesse contexto, superstição, fatalismo, miséria e ignorância participam do mesmo conjunto simbólico, que tem como pano de fundo as práticas de religiosidade popular de claro referencial africano. Ademais como nos diz RAGO (1885, p. 190) “O Pobre é o outro da burguesia: ele simboliza tudo o que ela rejeita em seu universo. É feio, animalesco, fedido, rude, selvagem, ignorante, bruto, cheio de superstições”. Percebe-se que em Caxias, os setores dominantes constroem essa mesma representação do pobre, e sobre o argumento da defesa da melhoria de sua qualidade de vida, negativiza seu universo religioso e cultural perante a comunidade leitora caxiense.

Assim, para Igreja Católica e para as elites locais, na Caxias das décadas de 30 e 40, não só uma campanha de saúde pública era necessária, mas também uma

---

<sup>2</sup> De acordo com Isaia (2008, p. 21) para os cientistas sociais do início do século XX, as práticas religiosas das “camadas populares” eram vistas como algo extremamente contagioso, capaz de inutilizar grandes continentes humanos para o trabalho. Precisando, portanto ser reprimidas pelas autoridades e erradicada por meio de intensas campanhas de saúde pública.

campanha educacional, que eliminasse os caracteres de ignorância e superstição a qual as populações pobres estavam submetidas. Conforme Beatriz Góis Dantas (1988, p. 173) para as elites intelectuais do início do século passado

O exato conhecimento do nosso “substrato emocional” era o primeiro passo para o encaminhamento do progresso e através, da educação seria possível penetrar na massa e dissolver o grude, desentranhar a força da participação superando assim, o primitivismo.

É partindo dessa visão, que o discurso do periódico católico chama a atenção dos poderes públicos para as condições de vida das camadas populares. Em um artigo de 1949, o cronista argumenta:

Em geral, a culpa dessa imbecilidade provem do analfabetismo reinante dentro das populações rurais, abandonadas a toda sorte de misérias, porque o governo do país nunca lhes deu assistência social nem instrução e, muito menos educação profissional (Jornal “Cruzeiro”, 22 de março de 1949, p. 3)

Assim, é sob o argumento da necessidade de atenção dos poderes públicos para as camadas pobres, que o discurso dos articulistas do *Cruzeiro* bem como das elites locais, constroem uma representação bastante negativizada da religiosidade popular de referencial africano. Nessa construção, degradação moral, enfraquecimento físico e miséria, participam do mesmo conjunto simbólico e que tem nas páginas do periódico *Cruzeiro* sua materialização discursiva. De acordo com Michel Foucault (1979, p. 11) “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas e os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”.

Ao pensar-se como representantes das elites locais, os articulistas do *Cruzeiro*, viam-se como aqueles responsáveis na elaboração de padrões de condutas morais e religiosas, a serem seguidos pelo resto do corpo social. A construção assenta-se em uma mentalidade elitista e conservadora das classes dominantes locais, seja ela eclesiástica ou leiga. Para RAGO (1985, p. 169) “A ascensão da burguesia e a imposição de sua hegemonia supõe a instituição de um novo imaginário social, de novas formas de percepção cultural e uma nova sensibilidade [...]”.

Na cidade de Caxias, foi a pequena elite intelectual, religiosa e financeira concentrada em torno do periódico *Cruzeiro*, a responsável pela construção de um

imaginário social em que as manifestações culturais e religiosas das camadas subalternas foram vistas como um perigo a ordem social e moral, uma afronta à civilização.

Nesta ótica, uma estratégia comumente utilizada por esses indivíduos no processo claro de desqualificação dessas práticas, foi a sua constante vinculação, a degenerescência moral e material da sociedade local. Processo esse em que o estado de miséria das camadas populares foi comumente utilizado como justificativa para a implantação de um projeto totalitário de eliminação de toda e qualquer manifestação que partisse de vivência mais específica das camadas populares, entre estas, as manifestações religiosas e culturais ocupavam um lugar de destaque, principalmente se ela se revestia de características africanas.

Portanto, observa-se que, ao considerar essas práticas heterodoxas aos olhos da Igreja e criminosas aos olhos das autoridades municipais, os articulistas do *Cruzeiro* de certa forma “isentam” esses indivíduos de maiores responsabilidades, pois é a sua condição de pobre e ignorante que o levam a esses erros, um personagem apresentado nos discursos analisados no periódico não tem essa espécie de “atenuante”. Trata-se da figura do feiticeiro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise realizada tinha como objetivo “captar” as representações dos setores elitizados caxienses da primeira metade do século XX construíram sobre as práticas religiosas e culturais dos setores ditos subalternos. Nas matérias que compunham o jornal era comum o discurso religioso e laico, considerar os ritos de origem africanas de demoníacos, supersticiosos e típicos de pessoas ignorantes, que não conhecem a verdadeira religião, relacionando a descendência indígena ou africana uma parte considerável na culpa deste *erro* cometido por alguns indivíduos das camadas ditas inferiores.

Assim, percebeu-se que as representações construídas a cerca dessas práticas, estavam diretamente ligadas às representações que este grupo social tinha da cidade e da própria sociedade. Na análise da documentação, observou-se que desqualificar essas práticas aos olhos da sociedade, era ao mesmo tempo afirmar

uma Caxias moderna e civilizada livre do que era na época considerado arcaico e primitivo.

Desvelou-se no texto, ainda que essas práticas, denominadas de *baixo espiritismo*, são imputadas à pessoas ignorantes e supersticiosas, que não são conhecedoras da verdadeira religião ademais o discurso veicula as zonas de subúrbios e rurais os locais onde mais ocorrem esses ritos. Por fim, é citado os antepassados indígenas e africanos como uma espécie de “propensão biológica” para que certos indivíduos mantenha a prática desses ritos, deixando implícito que uma “ancestralidade primitiva” estava na origem do “mal”.

Desse modo este trabalho, em certo sentido ganhou contornos diferenciados, pois, através da análise desses discursos foi a própria sociedade caxiense das décadas de 30 e 40 que se desvelou. Percebeu-se também, que essas ideias não operavam num vazio mais faziam parte de um complexo imbricado de discursos que no começo do século XX perpassavam a sociedade brasileira, pelo menos nos meios mais intelectualizados. Por isso, condenar as práticas mágico-religiosas realizadas por largos setores da sociedade não foi exclusividade dos párocos e intelectuais caxiense, mas fazia parte de um discurso comum de políticos intelectuais dos grandes centros citadinos como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador.

Todavia, percebe-se também que a condenação a essas práticas não se restringira somente ao nível do discurso das elites caxienses, aqui representadas pelos redatores do *Cruzeiro* sendo que as autoridades municipais se mostraram engajadas na repressão desses ritos, principalmente através da ação policial que invadia terreiros, prendia líderes religiosos e apreendia objetos de cultos.

Notou-se que preocupação com as manifestações religiosas e culturais de herança negra sempre fora uma preocupação constante no imaginário das elites, especialmente no Maranhão onde a presença negra foi e é marcante. Nesse contexto, os códigos de posturas que desde a segunda metade do século XIX, procuravam normatizar e disciplinar a população já se preocupavam com o que era uma ofensa a moral e aos bons costumes de uma sociedade conservadora e estratificada, neste rol incluía-se os jogos, o samba e as práticas “mágico” - religiosas de herança africana, ou seja, todas manifestações mais específicas dos setores populares.

## BIBLIOGRAFIA

BRETAS, Marcos Luiz. *O crime na Historiografia brasileira: Uma revisão da pesquisa recente*. Boletim Informativo Bibliográfico. n. 32. Rio de Janeiro, 1991, p. 53.

DANTAS, Beatriz Góis. *Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 173.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

ISAIA, Artur Cesar. *Loucura Coletiva*. Revista de História da Biblioteca Nacional. v. 08, p. 20-25.

Jornal *Cruzeiro*. Caxias-MA, 1934.

Jornal *Cruzeiro*. Caxias-MA, 1937.

Jornal *Cruzeiro*. Caxias-MA, 1947.

Jornal *Cruzeiro*. Caxias-MA, 1949.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar- 1820-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 174.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. *O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.